

A L I B E R D A D E

n.º 5 | Miniatura litteraria | anno I

Barcellos, 18 de outubro de 1885.

A VICENTE NOVAES

Eu sei como se bebe n'uma taça,
em noites de festim, o vinho, o olvido,
cujo vapor alcoolico esvoaça
nos ganglios do cerebello amollecido.

Eu sei como se lança na desgraça,
—victima d'um destino indefinido,—
a mulher que nos ama e nos abraça
nas sensações do vicio appetecido.

Sei tudo o que a sciencia nos ensina,
a chimica, o direito, a medicina,
o absurdo, o impossivel, transcendente...

mas ignoro em que esphera luminosa,
s'esconde, á nossa vista ambiciosa,
a chave dos sonetos do Vicente.

Felix d'Oliveira.

LIBERDADE !

Liberdade!... Terás, tu, por ventura alberge na terra, ou não serás antes uma ideia vaga imaginaria, criada pela phantasia do homem ?

Liberdade, existes? Não vacilles, responde!

A intelligencia examinando profundamente as faculdades que organisam o homem e auxiliada pela philosophia obriga a Liberdade a responder:

—Existo. E' vasto o meu dominio no universo, na natureza; e faço parte essencial da organisação do homem.

Como vez existo. Nasci tarde; encontrei já o homem conquistado.

Pedi, implorei ao creador, foi mudo e severo! O destino precedia o nascimento, e vi-lhe gravado na fronte.

Era a escravidão!

N'um desespero supliquei ainda, redobrei desforço, e após terriveis luctas conquistei o —pensamento— só o pensamento!... Tudo o mais, que no homem existia, estava sujeito a um poder divino.

Approximei-me da consciencia—examinei de perto. Que horror!!!

Era cumplice das paixões do homem, por isso impossivel ter Liberdade.

Estava em equilibrio com a vontade=e, era julgadora imparcial de suas acções.

Fugi. Approximei-me da—alma—mas fiquei fascinada.

Era uma martyr silenciosa e resignada. Tinha por portidaria a=consciencia=quando esta dominava a=vontade. Estava sujeita a mil caprichos, que as olhava com indifferença!

Estava ligada a um poder eterno, e tambem tinha um destino.

Foi pequeno o meu triumpho. Consegui apenas, dar-lhe—Liberdade—da terra ao infinito.

Percorrendo a natureza fiz muitas cousas livres:

=E' livre, a brisa que agita nos bosques a folhagem.

=E' livre, o arroio que deslisa na collina.

=E' livre, o aroma das flores no jardim.

=São livres as aves que volitam no espaço.

=E' livre, a folha que vagueia no deserto.

=E' livre, o gorgear do incansavel passarinho.

=Livres são os povos que conquistam a Liberdade.

J. E. Saraiva de Pina.

E' PROSA OU VERSO?!

Ao lèr o numero 4 da «Liberdade» fiquei de véras surprehendido com o «Desvio» — uma poesia firmada por Zéjo. O amigo Zéjo, que mostra saber pouco de prosa e nada de verso, resolveu-se a figurar em letra redonda — quem sabe? — talvez por entender que, escrevendo para a «Liberdade», tinha absoluto direito de liberdade, e por conseguinte escreveu, mesmo sem imaginação, como proprio confessa, — nem sei o quê! . . . — uns versos que nunca se podem chamar versos nem prosa, attendendo ás boas regras da grammatica, regras que o amigo Zéjo mostra desconhecer; por conseguinte, um conselho: — sachar batatas, e não precisa de metro nem rima.

Sinto a pequenez do espaço.

Alves de Faria.

= || =
EXPEDIENTE

«A Liberdade» admite a collaboração de todos os cavalheiros liberaes que lhe mandarem artigos ou poesias convenientemente redigidos e assignados, cabendo a responsabilidade a seus auctores.

A redacção.